

# Indicador de Reserva Financeira

**Fevereiro 2017**

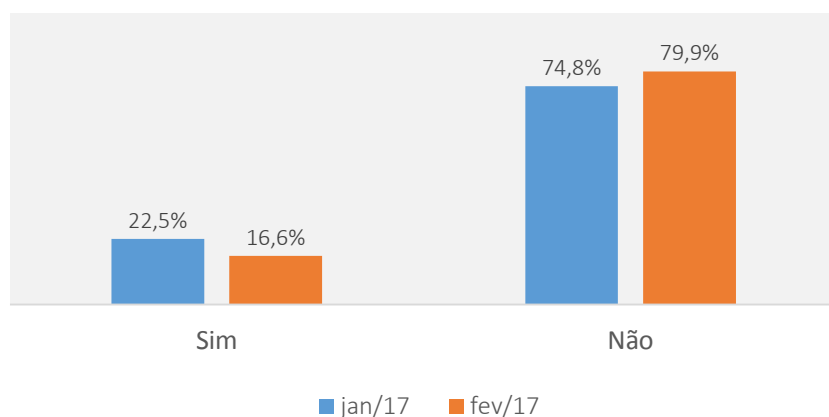


## Em meio à crise e às dívidas de início de ano, 80% dos brasileiros não conseguiram poupar em janeiro

O hábito de poupar não é característico do brasileiro. As razões são diversas: vão desde a renda média baixa à falta de controle do orçamento doméstico. Essa situação é agravada pelo momento de crise econômica, que reduz a renda disponível das famílias. É o que confirma o Indicador de Reserva Financeira, calculado pelo SPC Brasil. O dado revela que, em janeiro de 2017, mês anterior à pesquisa, expressivos 79,9% dos entrevistados não conseguiram poupar, ante 16,6% que conseguiram. 3,5% não souberam ou preferiram não responder. Além da questão conjuntural da economia, o início de ano concentra o pagamento de alguns tributos e a chegada da fatura dos gastos de final de ano, apertando o orçamento famílias e reduzindo a margem para poupança.

Nas classes A e B, a proporção de poupadores foi maior do que nas classes C, D e E, o que não surpreende. Enquanto no estrato superior de renda 34,1% guardaram algum valor no mês de janeiro, no estrato inferior essa proporção foi de 11,7%, pouco mais de um a cada dez dos entrevistados dessa classe de renda específica. A comparação entre homens e mulheres não mostra diferença estatisticamente significativa. Entre os que conseguiram poupar em janeiro, a **quantia média reservada foi de R\$ 446,49**, um pouco abaixo da quantia média observada em dezembro (R\$ 480,85).

### Poupou no último mês?



Como se vê, o cultivo do hábito de poupar fica aquém do desejável, até mesmo classes A/B, em que bem menos da metade dos entrevistados dizem ter poupado no mês anterior à pesquisa. A constituição de uma reserva financeira é garantia contra imprevistos, além de um meio para a realização de planos de consumo. O consumidor que, nesses casos, não pode se valer de recursos próprios, tem de recorrer a entidades financeiras, arcando com juros geralmente bastante elevados.

Entre os entrevistados que dizem poupar habitualmente, a maior parte (34,9%) se diz **motivada** por imprevistos (como doenças, mortes e problemas diversos). Há também 27,5% que mencionam a constituição de reserva para o caso de desemprego e 26,6% que falam em garantir um futuro para a família. Em seguida, aparecem as aspirações de compra: as viagens são citadas por 25,8% desses entrevistados e a realização de sonhos de consumo, por 23,1%. Em tempos de discussão sobre a

reforma da previdência, somente 16,2% mencionam a aposentadoria como motivação de seu hábito de guardar dinheiro.

Por que poupar?	jan/17	fev/17
Imprevistos com doença, mortes, problemas diversos	43,1%	34,9%
Reserva para o caso de ficar desempregado	31,0%	27,5%
Garantir um futuro melhor para a família	26,6%	26,6%
Viagens	22,8%	25,8%
Realizar algum sonho de consumo	23,8%	23,1%
Estudos	12,8%	21,8%
Aposentadoria	16,6%	16,2%
Compra de automóvel/moto	12,8%	15,3%
Garantir uma reserva para arcar com a educação dos filhos	11,0%	14,8%
Comprar/quitar casa	18,3%	14,4%
Reforma da casa	17,6%	13,5%
Abrir um negócio	6,6%	7,9%
Compra de móveis / eletrodomésticos	10,3%	7,0%
Outros motivos	2,4%	7,0%
Pagamento de impostos	6,9%	6,1%

## 48% fizeram uso dos recursos poupados

Desenvolver o hábito de guardar dinheiro é um primeiro passo importante. Mas só isso não basta. O segundo passo é decidir onde manter os recursos. A esse respeito, o poupador deve observar dois aspectos: a rentabilidade do investimento e sua liquidez, isto é, a facilidade com que poderá sacá-lo quando necessário. A pesquisa mostra que a maior parte (59,4%) dos poupadores costumam alocar seus recursos na Caderneta de Poupança, a mais popular das modalidades de investimento. Em seguida, aparecem os que dizem ter o costume de guardar em casa (23,1%) e os que recorrem a Fundos de Investimento (9,6%). A opção de guardar em casa, além de embutir riscos de segurança, rende juros zero. A Previdência vem quarto lugar, mencionada por 7,0% desses poupadores. Os CDBs e o Tesouro Direto, que são modalidades de renda fixa, foram citados, ambos, por 4,8%. Entre manter o dinheiro em casa e guardar na poupança, a segunda opção é melhor. Atualmente, o rendimento dessa modalidade supera um pouco o avanço da inflação, o que já resguarda o poupador de perdas reais. Outra particularidade da caderneta é a alta liquidez, ou seja, a facilidade com que se consegue sacar o dinheiro depositado. Isso pode ser conveniente para a reserva contra imprevistos, mas pode ser ruim para o consumidor que se sente tentado a reduzir sua poupança para consumir. Outros investimentos, como CDB e Tesouro Direto, geralmente

oferecem retorno superior ao da caderneta de poupança. No entanto, essas modalidades exigem mais conhecimento e tempo dos aplicadores, além de terem menos liquidez.

Investimentos mais comuns	Jan/17	Fev/17
Caderneta de poupança	62,1%	59,4%
Em casa	20,3%	23,1%
Fundos de investimento	10,0%	9,6%
Previdência Privada	5,9%	7,0%
CDB	4,8%	4,8%
Tesouro direto	3,1%	4,8%

A pesquisa ainda mostra que, em janeiro, entre aqueles que constituem reserva financeira, quase a metade (48,5%) fizeram uso dos recursos poupados. Os principais motivos foram o pagamento de contas da casa (16,2%), despesas extras (15,7%) e quitar dívidas (10%). É bem verdade que o cenário de crise econômico pelo qual o país atravessa não favorece a formação de reserva financeira. O principal desafio de um grande número de famílias é satisfazer suas necessidades enfrentando o desemprego, o aumento dos preços e a queda da renda. Destaque-se ainda o fato de a renda média do brasileiro ser baixa. Porém, a questão do controle financeiro e da disciplina também concorrem de forma fundamental para o baixo número de poupadores. Essa realidade reflete-se no alto número de inadimplentes que, de acordo com estimativa do SPC Brasil, está em quase 60 milhões de pessoas.

## Metodologia

A pesquisa abrangeu 12 capitais das cinco regiões brasileira, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza, Brasília, Goiânia, Manaus e Belém. Juntas, essas cidades somam aproximadamente 80% da população residente nas capitais. A amostra, de 800 casos, foi composta por pessoas com idade superior ou igual a 18 anos, de ambos os sexos e de todas as classes sociais. Os dados foram coletados via web e presencialmente entre os dias 1 e 14 de fevereiro. A margem de erro é de 3,5 pontos percentuais.